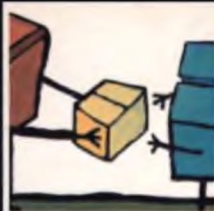


40
ano
UnB à frente



Lauro Morhy
organizador geral

Brasil em Questão

A Universidade e a
Eleição Presidencial



EDITORA

UnB

Ao completar suas primeiras quatro décadas de existência, a Universidade de Brasília (UnB) apresenta à sociedade *Brasil em Questão: a Universidade e a Eleição Presidencial*, coletânea de artigos que pode ser definida como verdadeira imersão na realidade histórica, cultural, política e socioeconômica brasileira.

Esta obra é resultado dos debates desenvolvidos no âmbito do *Fórum Brasil em Questão*, rico e promissor diálogo orientado por um esforço de busca e superação de nossos desafios. Instalado em fevereiro de 2002, o *Fórum Brasil em Questão* trouxe, à UnB, durante cinco meses, 41 especialistas das mais diversas áreas para apresentarem e discutirem suas visões sobre temas estratégicos para o País

Brasil **em Questão**

**A Universidade e a
Eleição Presidencial**

Fernando Henrique Cardoso

Presidente da República

Paulo Renato Souza

Ministro da Educação

Francisco César de Sá Barreto

Secretário de Educação Superior

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Conselho Diretor

Lauro Morhy – Presidente

Antônio C. de Matos Paiva

Carlos Alberto Rodrigues da Cunha

Carolina Martuscelli Bori

Flávio Rabelo Versiani

Inocência Mártires Coelho

Gileno Fernandes Marcelino

Jacques Rocha Velloso

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor: *Lauro Morhy*

Vice-Reitor: *Timothy Martin Mulholland*

Decano de Ensino de Graduação: *Michelangelo Giotto S. Trigueiro*

Decano de Pesquisa e Pós-Graduação: *Noraí Romeu Rocco*

Decana de Extensão: *Dóris Santos de Faria*

Decano de Administração e Finanças: *Érico Paulo Siegmar Weidle*

Decana de Assuntos Comunitários: *Thérèse Hofmann Gatti*

Laboratório de Estudos do Futuro: *Henrique de Sousa Novaes*

Assessoria de Assuntos Internacionais: *José Flávio Sombra Saraiva*

Assessoria de Comunicação: *Rodrigo Caetano*



Brasil em Questão

A Universidade e a Eleição Presidencial

Organizador Geral

Lauro Morhy

Co-organizadores

Marcos Formiga

Regina Marques

Adler Andrade

Tânia Costa

Universidade de Brasília

Laboratório de Estudos do Futuro/Gabinete do Reitor

Editora Universidade de Brasília

2002

Equipe Editorial:

Prof.ª Dr.ª Wânia de Aragão-Costa (Preparação de Originais)

Bel.ª Carmem Galvão (Revisão)

Fernando Brandão e Franklin Cruz (Editoração Eletrônica)

Formatos Design Gráfico (Projeto Gráfico)

Formatos Design Gráfico (Capa e Aberturas sobre ilustrações de Richard Cook - *Getty Images*)

Copyright © 2002 by Editora Universidade de Brasília.

Impresso no Brasil.

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS Q. 02, Bloco C, N° 78

Ed. OK, 2° andar

70300-500 Brasília-DF

Tel: (0xx61) 226-6874

Fax: (0xx61) 225-5611

editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

B823 Brasil em questão: a universidade e a eleição presiden-
 cial / Lauro Morhy (organizador). – Brasília : Editora
 Universidade de Brasília, 2002.
 512p.

ISBN 85-230-0700-8

1. Política – Brasil. 2. Governo: estrutura: política.
3.
Cidadania. I. Morhy, Lauro.

CDU – 32(81)

Agradecimentos

O trabalho coletivo é, sempre, resultado dos esforços de ponderável número de pessoas que se comprometem por acreditarem no objetivo final proposto. Somos gratos a todos que contribuíram para o êxito do Fórum *Brasil em Questão*.

Em especial, nosso reconhecimento aos palestrantes que ousaram apresentar e discutir questões inquietantes dos nossos dias, e propor caminhos para o Brasil.

Nominalmente, agradecemos ao grupo consultivo do Fórum: Adler Andrade, Amado Cervo, Antônio José Escobar Brussi, Benício Viero Schmidt, Cristovam Buarque, Dércio Munhoz, Dóris Faria, Érico Paulo Siegmar Weidle, Flávio Rabelo Versiani, Henrique de Sousa Novaes, Jacques Velloso, José Flávio Sombra Saraiva, José Geraldo de Sousa Júnior, Lúcia Mercedes de Avelar, Marcel Burstyn, Marcos Formiga, Michelângelo Giotto S. Trigueiro, Noraí Romeu Rocco, Pedro Tauil, Regina Marques, Rodrigo Caetano, Sophia Wainer, Tânia Costa, Thérèse Hofmann Gatti, Timothy Martin Mulholland, Vamireh Chacon, Viviane Coutinho Sabino.

Expressamos nossa gratidão aos colaboradores da Universidade de Brasília que ofereceram relevante apoio, sem o qual não teria sido possível a realização do Fórum *Brasil em Questão* e a publicação deste livro – especialmente Decanato de Ensino de Graduação; Decanato de Extensão; Decanato de Assuntos Comunitários; Departamento de Música/IDA; Cerimonial; Prefeitura do Câmpus; Assessoria de Comunicação; Assessoria de Assuntos Internacionais;

Centro de Informática; Núcleo de Multimídia e Internet do Departamento de Engenharia Elétrica, CPCE, Gabinete do Reitor, Editora da Universidade. Também agradecemos aos músicos que se apresentaram no início dos debates e à Escola do Futuro da USP.

LAURO MORHY
REITOR DA UNB

Sumário

APRESENTAÇÃO

Lauro Morhy 11

ABERTURA DO FÓRUM

Lauro Morhy 15

29 de fevereiro BRASILIDADE

Roberto Freire 21

Artur da Távola 31

Aspásia Camargo 37

Vamireh Chacon 47

10 de março BRASIL NO MUNDO

Samuel Pinheiro Guimarães 53

Oliveiros Ferreira 63

Amado Cervo 75

20 de março POLÍTICAS DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA

Márcio Pochman 85

André Urani 97

Cristovam Buarque 107

3 de abril A INFRA-ESTRUTURA NACIONAL

Yeda Crusius 119

Luiz Pinguelli Rosa 129

Décio Munhoz 139

10 de abril SAÚDE E SANEAMENTO BÁSICO

Sergio Arouca 155

Marcos Helano Montenegro 167

Sebastião Viana 177

Pedro Tauil 185

17 de abril EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Roberto Vermulm 197

Sergio Rezende 207

João Batista de Oliveira 217

Lauro Morhy 231

24 de abril CIDADANIA, EXCLUSÃO SOCIAL
E VIOLÊNCIA


Guilherme de Almeida 239

Sueli Carneiro 245

Luiz Mott 253

Dóris Faria 261

5 de junho	A DIVERSIDADE REGIONAL BRASILEIRA	
	Armando Mendes	275
	Maria Adélia de Souza	283
	Eduardo Suplicy	295
	Cristina Mac Dowell	307
	Marcos Formiga	321
19 de junho	MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AMAZÔNIA	
	Washington Novaes	351
	Marina Silva	361
	Edna Ramos Castro	371
	Marcel Burstyn	379
3 de julho	REFORMAS ESTRUTURAIS PARA O PAÍS	
	Ricardo Varsano	391
	Wilson Cano	405
	Vinícius Carvalho Pinheiro	433
	José Geraldo	447
17 de julho	A UNIVERSIDADE BRASILEIRA	
	Helgio Trindade	459
	Edson Franco	475
	Jacques Velloso	485
	Lauro Morhy	499



**Educação, ciência
e tecnologia**

**Roberto Vermulm
Sergio Rezende
João Batista de Oliveira
Lauro Morhy**

17 de abril

Educação, Ciência e Tecnologia no Plano de Desenvolvimento Nacional

Sergio Rezende

A sociedade brasileira tem na vida diária uma atitude de apatia, de passividade, com relação aos inúmeros problemas atuais. No entanto, as eleições quase que gerais que teremos este ano representam uma oportunidade para que a sociedade seja sacudida, mesmo que levemente, e para que ela possa participar dos processos de decisão em torno destes problemas e da escolha dos rumos para o futuro. Ocorre que temos no Brasil de hoje uma democracia meio capenga; na verdade, uma democracia que, digamos assim, foi consentida há cerca de 20 anos. Não foi uma democracia conquistada pela população, mas, sim, promovida pelas elites dirigentes com certas salvaguardas.

Entre as salvaguardas destaca-se a forma pela qual foram feitas as concessões dos meios de comunicação, que ficaram sob o controle das elites. Com isto a população, principalmente a mais pobre, tem hoje uma enorme dificuldade de compreender o que

Sergio Rezende Secretário de Patrimônio, Ciência e Cultura da Prefeitura de Olinda. Doutor pelo *Massachusetts Institute of Technology* (MIT). Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Físico, especializado em magnetismo e materiais magnéticos, atuou na capacitação do Grupo de Magnetismo e Materiais Magnéticos (MMM) do Departamento de Física. Ex-Secretário de C&T do Estado de Pernambuco.

está se passando, tanto na economia quanto na política. Isto facilita a situação que hoje predomina, com partidos políticos sem propostas e ideologias claras. Na verdade, o que se vê hoje são partidos de direita com discurso de esquerda; partidos de esquerda procurando fazer alianças com partidos de direita; e a confusão é naturalmente muito grande. Apesar disso, temos um regime democrático, com liberdades individuais, e a época da campanha eleitoral é muito oportuna para debater as questões e procurar avançar com a escolha de políticos e dirigentes mais preparados e mais comprometidos com as necessidades do país.

Nesse contexto, é muito importante o papel da UnB em promover este debate. Vale recordar que a fundação da UnB há quarenta anos representou uma importante mudança no cenário da universidade pública brasileira. Até os anos 60, havia no Brasil praticamente duas universidades: a Universidade de São Paulo, criada em 1934 e que tinha alguma atividade de pesquisa, de geração de conhecimento, mas ainda limitada a poucas áreas do conhecimento básico; e tínhamos a Universidade do Brasil, formada por um aglomerado de faculdades e escolas, no Rio de Janeiro. Portanto, não tínhamos uma universidade propriamente dita. A criação da Universidade de Brasília, com seus institutos centrais, contando com professores de tempo integral, fazendo pesquisa e ensino, foi um marco extremamente importante há quarenta anos.

Cabe perguntar por que, só em 1962, foi criada no Brasil uma universidade com essas características? As razões para isso são complexas, históricas e têm a ver com toda a formação do Brasil, mas é interessante fazer alguns paralelos. Faço um paralelo com um país que foi criado, que foi descoberto na mesma época que o nosso, um país que tem uma área semelhante à nossa, que tem uma população maior do que a nossa, mas não muito maior,

que é os EUA. Por que somos tão diferentes dos EUA, porque lá existem universidades desde o século 17 e aqui não, o que aconteceu? Sei que a questão é complexa, que não devemos fazer simplificações, mas vale a pena fazer algumas considerações históricas.

Em 1750 os EUA já tinham um físico famoso: Benjamin Franklin, que fazia experiências de eletricidade, tentando descobrir as leis que governam as cargas elétricas, na mesma época em que os cientistas europeus também pesquisavam sobre esse assunto. Franklin não era só físico, era também inventor, foi ele quem inventou o pára-raios e outros equipamentos. Mas além de físico e inventor, ele era militante político. Ele fundou um jornal que pregava idéias libertárias, foi deputado pela Filadélfia, e teve uma importante participação na redação da declaração da independência americana em 1776. Cem anos depois de sua importante participação, os EUA já eram uma república independente, tinham uma boa distribuição de terras e conseguiam atrair técnicos e artesãos europeus. Eles foram importantes para que se desenvolvesse na sociedade a prática de inovar.

Thomas Edson também fez várias e importantes invenções, como o microfone de carvão e a lâmpada elétrica. Em função de suas invenções, ele criou uma empresa, a RCA. Essa empresa começou a contratar os primeiros físicos com doutorado formados pelas universidades americanas. A empresa de Edson sabia que não iria progredir e inovar sem ter pessoas com formação mais sólida.

Mais ou menos na mesma época, Alexander Graham Bell, descendente da primeira geração de europeus, inventou o telefone, criou a AT&T e começou também a contratar os primeiros doutores formados em física. Então, de maneira natural, começou-se a ter pesquisa e desenvolvimento de forma harmônica, com as

empresas contratando pesquisadores, engenheiros e outros pós-graduados, constituindo o que hoje correspondem as empresas de alta tecnologia. O sistema foi evoluindo de maneira harmônica ao longo dos anos e hoje os EUA são uma potência mundial, sem dúvida, arrogante e rica, com um PIB 15 a 20 vezes maior que o brasileiro. Por outro lado, o Brasil que foi descoberto e colonizado na mesma época, é um país continental e cheio de riquezas naturais, mas é dependente e tem uma imensa população pobre.

Ocorre que na época de Franklin, em 1750, o Brasil era governado por Governadores Gerais, que aqui representavam os interesses dos nossos colonizadores. Éramos exportadores de cana-de-açúcar, de café, de minério e contribuíamos para a riqueza européia. Mas ao Brasil não era permitido se educar e se desenvolver, tipografias aqui eram proibidas. Neste paralelo histórico, vale lembrar que inspirado por Franklin, Tiradentes fez naquela época, um movimento em favor da independência. Mas a defesa dos interesses externos aqui era tão forte, que Tiradentes foi delatado por traidores e, em vez de conseguir nossa independência, ele conseguiu a força.

A nossa independência no século seguinte não foi conquistada, mas consentida por motivos que eram convenientes aos nossos dominadores. E foi assim que o Brasil se desenvolveu, sempre tolhido pelos interesses externos, com injustiça social e sem empresas que tivessem suas riquezas promovidas com base na educação, na ciência e tecnologia, mas, sim, na produção de produtos simples e na exportação de matéria-prima. Assim chegamos no século 20 e, na verdade, até a Segunda Guerra Mundial. A situação neste setor só começou a mudar na época da fundação da UnB. Nos últimos 40 anos tivemos retrocessos e avanços políticos, tivemos uma longa ditadura e depois uma democracia, ainda que frágil.

Como disse antes, a criação da UnB foi um marco na mudança do quadro universitário brasileiro. Logo depois, nos anos 60, houve um avanço no sistema de ciência e tecnologia, com a criação, pelo saudoso José Pelúcio Ferreira, no BNDES, de um departamento para promover a pós-graduação nas universidades brasileiras. Nos anos 70, o mesmo Pelúcio criou a FINEP, e o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, dotado de recursos consideráveis. Em 1976, o FNDCT tinha, em moeda daquela época, U\$ 175 milhões, que eram recursos fabulosos para o sistema nacional e que proporcionou a criação de laboratórios em vários pontos do Brasil. Infelizmente, mantendo a tradição, houve grande concentração de recursos na região Sudeste, mas houve ações pontuais em outras regiões. Por exemplo, em Pernambuco tivemos importante apoio da FINEP, que nos proporcionou o desenvolvimento da física, da matemática e da química, e mais tarde da informática.

Começou a surgir, então, um sistema de ciência e tecnologia, razoavelmente desenvolvido em comparação com outros países sub-desenvolvidos. Hoje, o Brasil tem o maior e melhor sistema de C&T da América Latina, contando com cerca de 50 mil pesquisadores. Proporcionalmente aos Estados Unidos, ao Japão, à Europa, o número é ainda muito pequeno, pois nosso percentual de pesquisadores em relação à população economicamente ativa é da ordem de 0,1%, enquanto nos países centrais o percentual é 5 e até 10 vezes maior. Apesar disso nosso sistema de C&T tem dimensão e qualidade razoáveis, como já disse, é certamente o melhor da América Latina. Então qual é o problema?

O problema é que o sistema foi desenvolvido de maneira desacoplada do sistema de produção nacional. Há, é verdade, vários exemplos de como a ciência e tecnologia contribuíram para o desenvolvimento de produtos e processos: por exemplo, a cultura

da soja no cerrado, desenvolvida com o grande apoio da EMBRAPA; as técnicas de exploração de petróleo em águas profundas; os aviões da Embraer. Mas são exemplos isolados, o fato é que não existe não existe a cultura da pesquisa e da inovação no sistema produtivo brasileiro. E por que não existe isso? Além de ser uma questão cultural, é porque nunca a educação, a ciência e tecnologia fizeram parte das macropolíticas do Brasil. Nunca fizeram e não fazem nos dias de hoje.

O Ministério da Educação teve no ano passado um orçamento de cerca de 16 bilhões de reais. Parece muito, mas não é para as dimensões da economia brasileira. A única política que predomina hoje é a macroeconômica, cujo único objetivo é o controle da inflação. Os instrumentos escolhidos, inicialmente o real supervalorizado e os juros altos, fizeram a dívida pública brasileira aumentar por um fator de 5 nos últimos seis anos. Enquanto o MEC recebeu 16 milhões no ano passado, o Tesouro Nacional pagou de encargos, de juros e amortização da dívida federal, nada menos que 107 bilhões de reais. O governo federal paga hoje, por dia, 300 milhões de reais pela dívida, e ela continua crescendo, grande parte é rolada, não é amortizada. No próximo ano o que vai se gastar com encargos da dívida será 15% maior e a cada ano isso vai crescendo. E se não houver uma mudança neste curso, não vamos conseguir escapar de um processo igual ao que ora ocorre na Argentina. A pergunta então é: É possível mudar? É possível um país que não tem tradição na área, incorporar sua ciência e tecnologia no processo produtivo, fazer uma mudança cultural nessa altura do campeonato?

Certamente é possível começar a mudar. Uma mudança cultural nunca é feita de uma hora para outra. Vamos fazer uma comparação que cabe muito bem, apesar da distância ser muito grande. Quando a Universidade de Brasília foi fundada, a Coreia

do Sul era um país subdesenvolvido e o Brasil era um país mais avançado que ela. A situação hoje é de certa maneira vergonhosa para nós. Nos anos 70, quando o Brasil começava a investir em educação, ciência e tecnologia, a Coréia também fazia a mesma coisa, mas só que acoplando a política de desenvolvimento industrial à política de ciência e tecnologia do país, chamando as grandes empresas coreanas de capital nacional para um projeto de desenvolvimento nacional, atraindo empresas estrangeiras e investindo em educação e em C&T. Resultado: a Coréia que tem hoje cerca de 40 milhões de habitantes, portanto um quarto da população brasileira, com 2% da área do Brasil, conseguiu multiplicar seu PIB por 10 nas últimas duas décadas, chegando hoje bem perto do PIB brasileiro.

O Brasil tem um sistema educacional grande, mas com muitos problemas. Tem também um sistema de ciência e tecnologia de porte, o maior da América Latina. Esses dois sistemas são essenciais para o desenvolvimento do País; portanto, o novo governo tem uma enorme responsabilidade para atacar seus problemas e coloca-los no centro de um novo projeto para a Nação.

Coloco, então, quatro macro-questões para os candidatos à Presidência da República. A primeira se refere ao que fazer para melhorar a qualidade do ensino básico e dar à população a oportunidade de ter uma educação e formação mais sólidas. Não se trata apenas de diminuir o analfabetismo, mas de fazer que as crianças aprendam a aprender sozinhas, adquirindo o hábito da leitura, da leitura crítica, de modo nos próximos anos elas tenham condições de julgar, com um mínimo de consciência, as futuras propostas dos candidatos à Presidência da República, a governador de Estado e ao Congresso Nacional.

A segunda pergunta refere-se ao ensino superior. Hoje temos quase 2,6 milhões de estudantes no ensino superior, portanto um

número considerável, embora pequeno em relação a toda a população. A grande distorção dos últimos anos foi a pequena ampliação do sistema público, enquanto o privado expandiu muito e de forma selvagem. Os meios de comunicação passam para a sociedade que a universidade pública é ineficiente, que ela desperdiça recursos, e que o sistema privado está se expandindo porque é bom e eficiente. Ocorre que o ensino privado que cresceu muito nos anos 90 tem um grave problema básico, ele tornou a educação brasileira um negócio lucrativo. Voltando a fazer um paralelo com os EUA, lá todo mundo paga pela educação, do próprio bolso ou pedindo dinheiro emprestado, mesmo nas universidades públicas. Mas as universidades privadas que existem lá não têm fins lucrativos, não pertencem a empresas de negócios. Educação com lucro, e grande, é uma das distorções do sistema brasileiros que precisamos ver atacado pelo novo presidente da república. É lógico que o ensino privado tem lugar no sistema educacional brasileiro, mas ele não pode continuar nos moldes atuais, ou seja, com a prioridade do negócio. É necessário que a população pobre tenha acesso ao ensino superior e que o sistema de admissão seja mais justo.

A terceira questão é como expandir o sistema de ciência e tecnologia que nos últimos anos viu o apoio à pesquisa básica contrair drasticamente. O fomento que existia no CNPq e na FINEP, praticamente deixou de existir. O CNPq hoje financia migalhas e a FINEP quase nada da pesquisa básica. O mérito deste governo, que é do próprio Ministério de Ciência e Tecnologia, foi o de descobrir fórmulas mirabolantes para fazer que a equipe econômica permitisse a expansão dos recursos para C&T, por meio dos fundos setoriais. O próximo presidente terá a oportunidade de ter um orçamento para C&T relativamente robusto, por conta destes fundos, que no momento não têm uma política coerente. Cada fundo é gerido por um comitê gestor diferente,

mas a pesquisa básica e a pesquisa em muitas áreas importantes estão desamparadas. Foi criado um Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, com o desafio de organizar o sistema de fundos, mas eu temo que o CGEE não tenha poder e tempo suficiente para consolidar a gestão dos fundos setoriais, ficando a ser tarefa do novo governo. Então, uma pergunta importante para o novo governo é como ele irá tratar os fundos setoriais e financiar a ciência no Brasil ?

A quarta e última pergunta, é como fazer que ciência e tecnologia entrem nas macro-políticas do País, como a política da produção. Isso, naturalmente, não poderá ser feito apenas por leis e decretos. Como disse antes, a falta de pesquisa e inovação no sistema produtivo decorre não apenas da falta de uma política industrial moderna, mas também da cultura do nosso empresário. Raríssimos são aqueles que acreditam que podem ganhar mais dinheiro investindo em ciência e tecnologia. É preciso ter políticas que induzam a mudança da cultura do sistema produtivo para que as empresas façam pesquisas, para que contratem pesquisadores, interajam com as universidades e centros de pesquisas. Em resumo, o que eles farão para que a pesquisa e a inovação entrem no sistema produtivo, para que C&T faça parte de uma agenda nacional, de um plano de desenvolvimento nacional, de um projeto de nação com soberania e que incorpore a grande parte da população no sistema produtivo.

Acredito que esses quatro pontos representam um grande desafio que o próximo governo vai enfrentar e espero que nos sejamos capazes de eleger um novo governo que esteja efetivamente comprometido com as mudanças que o país tanto precisa.

Impressão e Acabamento:



SIA TRECHO 3 LOTE N° 1760

Fone: (0xx61) 362-0008 / Fax: (61) 362-7476

e-mail: quick@gns.com.br

contemporâneo.

As discussões ali realizadas certamente não esgotaram a complexidade dos temas. Contudo, como lembra o reitor Lauro Morhy, *Brasil em Questão* “é um meio e, não, um fim. É um bom começo para despertar outras consciências, mentes e corações, pensando e pulsando Brasil”. É desse debate que o leitor é convidado a participar.

Com a publicação, em 2002, de *Brasil em Questão: a Universidade e a Eleição Presidencial*, a UnB cumpre, mais uma vez, seu compromisso histórico de contribuir para a reflexão sobre as alternativas e projetos para o nosso País.

BRASILIDADE • Roberto Freire • Artur da Távola • Aspásia Camargo • Vamireh Chacon • **BRASIL NO MUNDO** • Samuel Pinheiro Guimarães • Oliveiros Ferreira • Amado Cervo • **POLÍTICAS DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA** • Márcio Pochman • André Urani • Cristovam Buarque • **A INFRA-ESTRUTURA NACIONAL** • Yeda Crusius • Luiz Pinguelli Rosa • Dércio Munhoz • **SAÚDE E SANEAMENTO BÁSICO** • Sergio Arouca • Marcos Helano Montenegro • Sebastião Viana • Pedro Tauil • **EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA** • Roberto Vermulm • Sergio Rezende • João Batista de Oliveira • Lauro Morhy • **CIDADANIA, EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA** • Guilherme de Almeida • Sueli Carneiro • Luiz Mott • Dóris Faria • **A DIVERSIDADE REGIONAL BRASILEIRA** • Armando Mendes • Maria Adélia de Souza • Eduardo Suplicy • Cristina Mac Dowell • Marcos Formiga • **MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AMAZÔNIA** • Washington Novaes • Marina Silva • Edna Ramos Castro • Marcel Burstyn • **REFORMAS ESTRUTURAIS PARA O PAÍS** • Ricardo Varsano • Wilson Cano • Vinícius Carvalho Pinheiro • José Geraldo de Sousa Júnior • **A UNIVERSIDADE BRASILEIRA** • Helgio Trindade • Édson Franco • Jacques Velloso • Lauro Morhy